

.....

***AS FACES DO LUTO NA PANDEMIA DE COVID-19: uma
releitura do conceito de transitoriedade de Freud nos dias atuais***

Vitória Lima Colares¹
Raquel Wermann Foschiera²
Isadora Garcia de Goes³

Resumo

A pandemia de Covid-19 impôs aos sujeitos uma série de lutos, o que implica em uma necessidade de elaboração das perdas individuais e coletivas. A partir dos ensaios de metapsicologia escritos por Freud após a Primeira Guerra Mundial e os textos de autores contemporâneos acerca da pandemia, buscamos traçar um paralelo entre a Psicanálise e as Ciências Sociais, resgatando o conceito de transitoriedade elaborado por Freud e sua relevância nos dias atuais.

Palavras-chaves: Luto. Negação. Transitoriedade. Psicanálise. Covid-19.

***LES VISAGES DU DEUIL DANS LA PANDÉMIE DE COVID-19:
Une relecture du concept freudien de l'éphémère aujourd'hui***

Résumé

La pandémie de Covid-19 a imposé une série de deuils sur des sujets, ce qui implique un besoin d'élaborer sur les pertes individuelles et collectives. À partir des essais de métapsychologie écrits par Freud après la Première Guerre mondiale et des textes d'auteurs contemporains sur la pandémie, nous cherchons à établir un parallèle entre la psychanalyse et les sciences sociales, en sauvant le concept d'éphémère élaboré par Freud et sa pertinence aujourd'hui.

Mots-clés: Deuil. Déni. Éphémère. Psychanalyse. Covid-19.

¹ Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Em 2021, compõe o Centro Acadêmico da Psicologia - FURG (CAPSi FURG - Gestão Nise da Silveira) e atua como bolsista no projeto de extensão Centro de Referência em Direitos Humanos (CRDH - FURG). Participa de grupos de estudo e orientação vinculados ao Laboratório VIVAZ - Grupo de Estudos Interfaces em Psicologia e Saúde. Interessa-se pelos temas de Psicanálise, Psicologia Social, Psicologia da Saúde e Direitos Humanos. E-mail: vitorialimacolares@gmail.com.

² Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG), atua como bolsista na pesquisa Coorte de Nascimentos de Rio Grande 2019. Possui participação em grupos de estudo e cursos de extensão, bem como interesse nas áreas de Psicologia Social, Psicanálise e Pesquisa em Psicologia. (FURG). E-mail: foschieraraquel@gmail.com.

³ Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG) desde 2017. Atuou como bolsista do Programa de Educação Tutorial, em projetos na área da psicologia com a base na indissociabilidade entre Pesquisa, Ensino e Extensão. Possui participação e publicações em congressos e eventos, monitoria acadêmica e experiência com tradução de livro da língua francesa em psicanálise. Interessa-se por Psicanálise e Psicologia Social. E-mail: isadoragarciaagoes@gmail.com.

.....

Introdução

Hoje, a humanidade tem vivenciado uma de suas maiores crises globais, na qual, não obstante a pandemia do novo coronavírus ser determinante, é também agravante de uma crise a que a população tem sido sujeitada há tempos (De Sousa Santos, 2020). Ao mesmo tempo, considerando o distanciamento social recomendado pela Organização Mundial da Saúde e o número alarmante de mortes por Covid-19, torna-se evidente que a humanidade está diante de uma série de lutos advindos de múltiplas perdas: a do cotidiano e a da rotina pré-pandemia, a do trabalho e, certamente, a de pessoas queridas.

Nesse sentido, é importante pensar no conceito de transitoriedade sobre o qual Freud escreve em 1916, após vivenciar a Primeira Guerra Mundial. No texto intitulado “A Transitoriedade”, o autor relata um encontro anterior à guerra com um jovem poeta que, embora admirasse a beleza que o cercava, não se alegrava com ela. O jovem era perturbado pela ideia de que aquela beleza desapareceria no inverno e, portanto, estava condenada à extinção (Freud, 2010).

Em sua epistemologia, a transitoriedade é algo temporário, mas que nem por isso deixa de marcar uma mudança. Freud descreve, então, duas visões para o caráter transitório das coisas: a perspectiva pessimista do poeta, que entende que a transitoriedade do belo implica em sua desvalorização; e uma perspectiva otimista, que propõe que a transitoriedade confere valorização (Freud, 2010). Nesse sentido, o psicanalista traz também apontamentos sobre o cenário pós-guerra, nos convocando a pensar na transitoriedade como um agente de esperança e mobilização.

Portanto, esse momento de pandemia açoita os conceitos psicanalíticos de Freud, colocando-os em prova novamente. O luto, por exemplo, tem diversas faces, mas nunca perde seu caráter de renúncia (ou a falta dela). Assim, este artigo tem o objetivo de analisar alguns dos Ensaios de Metapsicologia escritos por Freud, sobretudo “A Transitoriedade”, contextualizando-os no momento atual de pandemia da Covid-19.

Olhar as perdas

Para entendermos melhor a crise agravada pela pandemia, trazemos as reflexões propostas pelo sociólogo Boaventura de Sousa Santos em *A Cruel Pedagogia do Vírus* (2020), dentre outros autores contemporâneos, propondo a interface entre a Psicanálise e as Ciências

Sociais. Na obra, o autor denuncia a maneira como a tríade do capitalismo, colonialismo e patriarcado fomenta o crescimento da desigualdade social e a catástrofe ecológica em um cenário de pandemia, além do fato de que todos esses aspectos transpassam a vivência particular da quarentena para cada indivíduo.

Segundo De Sousa Santos (2020), o mundo tem vivido em um estado de crise permanente desde a década de 1980, quando o neoliberalismo se manifesta mais precisamente como a versão dominante do capitalismo. A pandemia, portanto, “vem apenas agravar uma situação de crise a que a população mundial tem vindo a ser sujeita.” (De Sousa Santos, 2020, p. 05). Sob essa ótica, torna-se possível visualizar a semelhança entre os escritos de Freud após a Primeira Guerra Mundial e as reflexões dos pensadores contemporâneos acerca da pandemia, sobretudo porque a guerra em questão havia destruído boa parte da vida e de suas belezas, tal como ocorre na pandemia da Covid-19.

É válido acentuar que, no contexto pandêmico, setores organizados em conjunções originalmente coletivas, tais como as áreas da educação e cultura, foram drasticamente modificados, o que afeta diretamente uma sociedade acostumada ao convívio social, como observou o estudo de Souza et al. (2020). Para De Sousa Santos (2020), isso decorre da *elasticidade social*, isto é, em cada época histórica, os modos de viver dominantes (trabalho, consumo, lazer, convivência) e os de antecipar ou adiar a morte são relativamente rígidos. À vista disso, as implicações da pandemia, como as medidas de prevenção e contenção do vírus, corroboram para uma mudança drástica na rotina, nos costumes, nas relações e demais esferas da vida de cada sujeito.

Dessa maneira, isso se relaciona ao luto à medida em que ele deve ser pautado como uma consequência final de diversos atos e problemáticas anteriores. Segundo Freud em *Luto e Melancolia* (2010), o luto é a reação à perda de uma pessoa ou abstração que ocupa seu lugar, como a liberdade ou um ideal, por exemplo. Assim, esse fenômeno não deve ser entendido como um estado patológico, mas, sim, um processo que visa a elaboração da perda de determinado objeto.

Ao ampliar o conceito de perda, é possível deparar-se com privações geradas pela pandemia da Covid-19 que impactam negativamente no estado anímico da população (Brooks et al, 2020). Logo, o momento atual inclina a sociedade a adotar uma postura semelhante a do poeta pessimista outrora mencionado, que vê na transitoriedade do que é belo uma perda de seu valor (Freud, 2010), dado que “o sentido literal da pandemia do coronavírus é o medo caótico

generalizado e a morte sem fronteiras causados por um inimigo invisível” (De Sousa Santos, 2020).

A partir da reflexão sobre o poeta, Freud expõe que a guerra desapossou o mundo de suas belezas e, ainda, “despojou-nos de muitas coisas que amávamos, e revelou a fragilidade de tantas outras que acreditávamos sólidas.” (Freud, 2010). Para Berinatto (2020), o sujeito se vê em um estado de luto antecipado em função do medo da perda - da normalidade, da conexão com o mundo *físico*, do senso de segurança. Partindo desse viés, é notável que, também, o contexto atual escancara a fragilidade do ser humano e seus modos de vida, pois “essa pandemia tira do esconderijo o que alguns insistiam em esconder.” (Petrone, 2020, p. 13).

Sentir as perdas

Para Freud (2010), após o luto ser consumado, o Eu fica novamente livre para buscar novos objetos. Nesse sentido, uma vez que observamos a imposição de diversos lutos ao sujeito contemporâneo, surgem questionamentos sobre a maneira de como e quando a sociedade conseguirá elaborar as perdas coletivas e os indivíduos, logo, suas perdas singulares, subjetivas e simbólicas.

Nesse sentido, De Sousa Santos (2020) questiona se a sociedade pensará em alternativas após a pandemia, uma vez que, segundo o autor, a alternativa que se busca é a suposta normalidade que se tinha antes desse período. No entanto, é notório que o que era considerado normal não cabe mais nesta realidade e não parece se encaixar em um futuro devastado pela Covid-19. Esse, por sua vez, é um futuro utópico, que também não tem perspectivas concretas de existir.

Freud (2010), à sua época, descreve que, antes da Primeira Guerra Mundial, a população inserida naquele contexto procurava reduzir a morte ao silêncio, deixando-a de lado. Ainda, o psicanalista explana que o homem primevo, mesmo diante da dor pela perda de conhecidos, recusava-se em admitir a morte, dado que não conseguia imaginar-se morto; a única maneira de reconhecer o próprio falecimento seria contestando a possibilidade de aniquilamento, já admitida quando da morte de um inimigo (Freud, 2010).

Assim, segundo Freud (2010), a humanidade considera a morte algo que acontece para interromper o curso da vida, e não algo necessário para concluí-lo. Quando a morte se apresenta de maneira severa e excessiva, sendo impossível negá-la ou justificá-la - como durante a guerra -, as ilusões humanas são drasticamente derrubadas (Freud, 2010). De maneira análoga, segundo Homem (2020), o cenário pandêmico compeliu os sujeitos a estabelecerem uma

relação com a morte diferente da habitual, que costumava ser ignorá-la e esquecê-la para dar curso à vida. Ao compararmos os cenários, nota-se que em ambos os casos tornou-se inviável negar a morte, sendo necessário crer nela.

Ao crer na morte e, portanto, admitir sua vulnerabilidade, o homem assume uma posição inferior ao vírus. Mas, na história das sociedades, a inferioridade nunca foi uma característica aceita pelos seres humanos, dado que pensar na própria morte também era inconcebível: mesmo que o sujeito tentasse imaginá-la, ainda estaria vivo, no lugar de observador (Freud, 2010). Isso também pode ser observado na ficção, pois esse recurso age como um substituto das perdas da vida, em que o sujeito pode se deparar com a morte e, mesmo assim, sobreviver à ela inúmeras vezes.

Agora, no momento em que a temática da morte se inscreve de maneira tão presente na vida dos indivíduos, atravessando, inclusive, a ficção (Estadão, 02 de abril de 2021, para. 01), encará-la de maneira sincera é o caminho menos volátil para que a sociedade solidifique suas perdas. Assim, com tantos desmontes de verdades ilusórias que se tornaram incertezas, resta-nos acreditar que a memória e a mudança são as únicas possibilidades a partir de agora.

Vivenciar as perdas

Sousa (2020), ao elaborar o conceito de *memoriais minimalistas* - ou seja, memoriais simbólicos que buscam recuperar lugares apagados pela história - pontua que se ainda é possível termos alguma esperança de futuro, ela se deve àqueles que não abandonam seus mortos e que se ocupam de cuidar das narrativas que foram estorvadas. Esses sujeitos, não raramente familiares de vítimas de catástrofes, firmam uma espécie de compromisso com a memória e recusam o esquecimento de seus entes. Essa atitude, além de manifestar grande resistência, poderia ser pensada como uma forma de aceitação do luto. Porém, a história recente do país tem mostrado que a sociedade em geral costuma esquecer - ou negar? - com certa facilidade tragédias como a formidável devastação humana ocorrida na boate Kiss, no ano de 2013, por exemplo.

Concomitantemente, Arbex (2018) observa que se, logo após o incêndio, a persistência dos familiares em manter a memória viva era vista como “sinônimo de luta e resistência, rapidamente passou a ser sinônimo de incômodo” (Arbex, 2018, p. 232) pela mesma população que se comoveu com o acontecimento. Sob essa ótica, é possível refletir sobre a postura da sociedade em relação às mortes por Covid-19, dado o número alarmante de óbitos no país: continuaremos esquecendo ou estaremos dispostos a criar memoriais?

Essa pergunta emerge em um contexto em que a tragédia anunciada da pandemia no Brasil, que leva o título de pior país do mundo na gestão da mesma (G1, 28 de jan. de 2021, para. 1), se contrapõe à ideia de *novo normal* incentivada pelos veículos da mídia ao longo do ano de 2020. Há, ainda, aqueles que anseiam pelo retorno à realidade pré-pandêmica e tentam encobrir, mesmo que subjetivamente, a devastação agravada pela Covid-19 a qualquer custo. Sob a ótica freudiana, tal encobrimento poderia ser interpretado como uma forma de repressão, uma vez que esse mecanismo consiste em “rejeitar e manter algo afastado da consciência” (Freud, 2011, p. 85). Entretanto, De Sousa Santos (2020) nos adverte que a pandemia emana uma espécie de claridade que materializa tudo o que ignoramos anteriormente, além do fato que o modo como esse período e suas implicações serão interpretadas e avaliadas determinarão o futuro da civilização.

No ano de 2021, o Brasil passa pela pior crise sanitária e hospitalar de sua história (G1, 17 de mar de 2021, para. 1). Em contrapartida, observa-se a tentativa de negar a realidade, uma vez que, segundo Freud (2011), a negação é uma forma de reconhecer o que foi reprimido sem aceitá-lo. Não obstante, o negacionismo, isto é, a forma de negação manifestada pelo comportamento de massa (Dunker, 2020), se subscreve em uma parcela da população brasileira que desacredita na ciência e segue negando a gravidade da doença que já contabiliza mais de quatrocentos mil óbitos no país.

Para Dunker (2020), a negação já estava em curso no Brasil antes da chegada do coronavírus, como um sintoma da necropolítica, que se caracteriza “pela lentidão, pelo adiamento e pela manutenção de situações de miséria e desproteção” (Dunker, 2020, p. 07). Por esse motivo, Sousa (2020) já pontuava, em seu artigo escrito um ano antes do cenário pandêmico, que “precisamos recuperar os espaços de sombra, dos que ficaram sem palavras, mudos, excluídos, invisíveis, expulsos de um mundo que tenta impor suas formas totalitárias de viver. O Brasil vive neste momento um naufrágio para dentro do coração das trevas.” (Sousa, 2020).

Cirurgicamente, Krenak (2020) escreve que “quem está apenas adiando compromissos, como se tudo fosse voltar ao normal, está vivendo no passado. O futuro é aqui e agora, pode não haver o ano que vem.” (Krenak, 2020, p. 08). Essa observação marca a necessidade de aceitar a realidade e viver o momento presente, embora ele seja extremamente doloroso. Por ora, não há a possibilidade de haver um *novo normal*, porque as perdas a que a população vem sendo exposta não começaram - e talvez não se encerrem - exclusivamente com a pandemia.

Estamos imersos em um naufrágio sem alternativas de fuga. Há, portanto, o agora e a necessidade de encontrar meios de simbolizar cada perda.

Freud (2010), à sua época, escreve que a guerra fez com que muitos sujeitos considerassem os bens perdidos menos valiosos por terem sucumbido à ruína, porém, “os que têm essa opinião encontram-se apenas em estado de luto pela perda” (Freud, 2010, p. 251). O autor ainda aponta para uma possibilidade de reconstrução, pois afirma que seria possível reconstruir tudo o que a guerra destruiu em um terreno mais firme e duradouro do que o anterior (Freud, 2010). Ou seja, urge a expectativa para que o trabalho do luto seja feito e que, assim, os objetos perdidos sejam substituídos.

Dessa forma, ao voltar um olhar freudiano para o contexto atual, em que o Brasil é considerado o epicentro da pandemia (CNN, 12 de mar de 2021, para. 01), é possível compreender o desejo perspicaz que Krenak (2020) manifesta frente à ideia de *novo normal*: “Tomara que não voltemos à normalidade, pois, se voltarmos, é porque não valeu nada a morte de milhares de pessoas no mundo inteiro.” (Krenak, 2020, p. 08).

Partindo dessa perspectiva, deve-se pensar na urgência do enfrentamento, uma vez que a maneira singular de cada indivíduo lidar com a pandemia é atravessada pela necessidade de enfrentar os lutos e medos que cercam a sociedade. A transitoriedade dessa situação, afinal, mostra-se cada vez mais ríspida, perdendo seu caráter belo. O luto não tem espaço para se desenvolver, sendo diariamente atropelado por outro luto. Torna-se pertinente, portanto, questionar o caráter da aceitação da tragédia que se alastra, hoje, no Brasil. Talvez chegue o momento em que a negação perderá sua força e, então, a sociedade terá de estabelecer uma relação mais verdadeira e respeitosa com a morte e aqueles que morreram.

Conclusão

Como expusemos no presente trabalho, é possível observar que a forma como os indivíduos têm vivenciado o momento atual é bastante particular, seja encarando a pandemia como uma proibição e, assim, vivenciando-a de maneira extremamente penosa para si, ou fugindo da realidade através da negação. Entretanto, todos estão no mesmo barco, ou melhor, no mesmo *naufrágio*, aguardando o fim de toda destruição presenciada. Essa espera, por vezes, é martirizante para o sujeito, pois viver sob a sombra da incerteza e do descontrole é doloroso: mesmo que se busque uma espécie de anestesia na arte, nas paisagens bonitas ou nos afetos *virtuais*, a realidade se apresenta ainda mais dura no minuto seguinte.

Assim, é compreensível que nos identifiquemos com o poeta pessimista à medida em que percebemos que a beleza é finita, que o céu ensolarado desaparece com a chegada da chuva e que a companhia de um telefonema é atravessada pelo intenso sentimento de solidão quando o interlocutor desliga. Tal como Freud (2010) descreve acerca da guerra, nota-se que a constatação de que a beleza é transitória deu às pessoas sensíveis uma espécie de luto antecipado pela ruína e, como a psique recua diante de experiências dolorosas, elas sentiram e têm sentido seu gozo prejudicado nos tempos de pandemia.

Entretanto, para Freud (2010), o que é doloroso também pode ser verdadeiro, de modo que, mesmo diante da mortalidade, algo da beleza e da arte segue subsistindo naquele que a notou. Por isso, pode-se destacar que *A Transitoriedade* é um dos textos mais otimistas de Freud, o que não deixa de ser uma contradição, devido ao seu tema relacionado à guerra. Em função da passagem do tempo, o luto e o otimismo se esbarram de maneira singela, e esse encontro é o cerne da transitoriedade, uma vez que ela atribui valor também ao que acaba (Freud, 2010).

Sabe-se que a vasta obra do autor é repleta de verdades tão intensas quanto penosas e, por isso, esse texto carrega um simbolismo ainda maior, em que a dor do luto é sobreposta pela certeza do seu fim. Relacionar a transitoriedade à pandemia da Covid-19 é, portanto, uma maneira de denunciar a sua realidade devastadora ao mesmo tempo que se crê numa reconstrução da sociedade a partir disso.

De Sousa Santos (2020), no último capítulo de *A Cruel Pedagogia do Vírus*, intitulado *O futuro pode começar hoje*, destaca que o único caminho para construir uma sociedade em que a humanidade assuma uma posição mais humilde no planeta, inclusive reconhecendo a própria morte, é uma nova articulação entre processos políticos e civilizatórios. Essa articulação envolve uma mudança epistemológica, cultural e ideológica definitiva no cerne das questões políticas, econômicas e sociais que definem a continuidade da vida humana (De Sousa Santos, 2020).

À semelhança do que escreveu Freud no texto aqui referido, tornamos a dizer que a certeza de que tanto a beleza quanto a ruína são passageiras evoca certa esperança em momentos atrozos, embora a transitoriedade se insinue de maneira lenta nos dias atuais. Superado o luto, nossa libido estará livre para buscar novos objetos ainda mais ou tão valiosos quanto aqueles que perdemos, e essa talvez seja uma oportunidade de reconstruir o que vinha desmoronando nas últimas décadas e se tornou inegável agora.

Referências

- Abel, J. & Busolin, M. (02 de abril de 2021). *Estadão: Lista: Novelas, séries e filmes que abordam a pandemia da Covid-19*. Recuperado de <https://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,lista-series-e-filmes-que-abordam-a-pandemia-da-covid-19,70003667921>
- Arbex, D. (2018). *Todo dia a mesma noite*. Editora Intrínseca.
- Berinatto, S. (23 de março de 2020). *Harvard Business Review: That Discomfort You're Feeling Is Grief*. Recuperado de <https://hbr.org/2020/03/that-discomfort-youre-feeling-is-grief?fbclid=IwAR15Krt5K5ft7Z68YGc3UupWufU0vazApv5JZibt0Qk-SZt7fsTxH53kHdA#comment-section>
- Brasil é o pior país do mundo na gestão da epidemia de Covid-19, aponta estudo*. (28 de janeiro de 2021). Recuperado de <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/01/28/brasil-e-pior-pais-do-mundo-na-gestao-da-epidemia-de-covid-19-aponta-estudo-australiano.ghtml>
- Brasil passa pela maior crise sanitária e hospitalar de sua história, diz Fiocruz*. (12 de março de 2021). Recuperado de <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2021/03/17/brasil-passa-pela-maior-crise-sanitaria-e-hospitalar-da-historia-diz-fiocruz.ghtml>
- Brooks, S. K., Webster, R. K., Smith, L. E., Woodland, L., Wessely, S., Greenberg, N., & Rubin, G. J. (2020). The psychological impact of quarantine and how to reduce it: rapid review of the evidence. *The lancet*, 395(10227), 912-920.
- De Sousa Santos, B. (2020). *A cruel pedagogia do vírus*. Boitempo Editorial.
- Dunker, C. (2020). *A arte da quarentena para principiantes*. São Paulo: Boitempo Editora.
- Epicentro do vírus, Brasil tem percentual de positivos 6 vezes acima do almejado*. (12 de março de 2021). Recuperado de <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2021/03/12/epicentro-da-pandemia-brasil-reduz-testagem-e-tem-percentual-de-positivos-6-vez>
- Freud, S., & de Souza, P. C. (2010). *Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos*. Companhia das Letras.
- Freud, S. (2011). O eu e o id (1923). _____. *Sigmund Freud, Obras Completas*. São Paulo: Companhia das Letras, 16, 13-74.
- Homem, M. L. (2020). *Lupa da alma: Quarentena-revelação*. Editora Todavia.
- Krenak, A. (2020). *O amanhã não está à venda*. Companhia das letras.
- Petrone, T. (2020). *(Re)nascido em tempos de pandemia: Uma carta à Moana Mayalú*. São Paulo: Boitempo Editora.

Sousa, E. L. A. D. (2020). Por uma estética do atrito—a função utópica de um memorial. *Revista de comunicação e linguagens. Lisboa. No. 52* (2020), p. 37-48.

Souza, K. R. D., Santos, G. B. D., Rodrigues, A. M. D. S., Felix, E. G., Gomes, L., Rocha, G. L. D., ... & Peixoto, R. B. (2020). Trabalho remoto, saúde docente e greve virtual em cenário de pandemia. *Trabalho, Educação e Saúde, 19*.